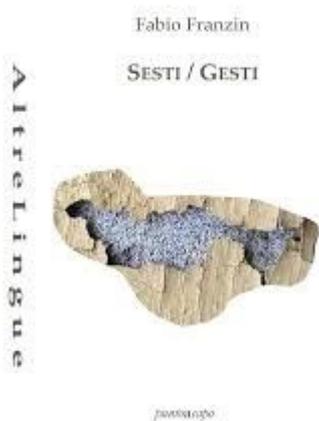


Gesto de amor, não como ato subversivo - Entrevista com Fabio Franzin, por P. Peterle e E. Santi

Literatura Italiana Traduzida ISSN 2675-4363 ELENA SANTI FABIO FRANZIN PATRICIA PETERLE em maio 15, 2020



Theo van Rysselberghe (1862-1926) - Sunset at Ambletsuse, 1899



Continuamos nossa série de publicações de entrevistas com poetas italianos. Após a conversa com [Fabio Pusterla](#), seguimos com as palavras de Fabio Franzin. Poeta do interior do Vêneto, escreve tanto no dialeto de sua região (*opitergino-mottense*) quanto em italiano. Suas coletâneas, que ainda não possuem uma tradução no Brasil, se

desenvolvem a partir de alguns temas fundamentais; como o trabalho nas fábricas, a relação entre homem e paisagem, a relação entre os homens, e entre palavra e realidade. A escolha do dialeto, nesse sentido, se dá não como um instrumento de exclusão, de quem não pertence aquele determinado grupo humano e geográfico, mas porque, aos olhos do poeta, é uma língua que, maiormente, conserva uma relação com as coisas, com o trabalho nos campos, com as tradições e a identidade de uma comunidade. Língua que, por sua vez, é vivificada pelos novos falantes que, misturando sua própria cultura e tradição linguística com o dialeto, contribuem para lhe dar nova linfa e nova força. a entrevista se encontra disponível na íntegra em italiano na revista Mosaico de maio de 2016, e na antologia Vozes: cinco décadas de poesia italiana, organizada por Patricia Peterle e Elena Santi. Publicamos aqui em trecho em que o poeta expressa suas palavra, poesia, língua.

Gesto de amor, não como ato subversivo

Entrevista com Fabio Franzin (Vozes, p. 399)

Vozes: O que significa ser poeta hoje? O que é um poeta? O poeta é um canton nostálgico da palavra já esgarçada e obsolota? É necessariamente um opositor do mundo?

FF: Ser poeta hoje, creio que não seja muito diferente de tê-lo sido em um passado mais ou menos distante. A figura do poeta é e sempre foi, em um certo sentido, marginal no seio da sociedade. De um lado, por sua natureza excêntrica e não alinhada, de vagabundo da palavra, de arqueólogo da luz. De outro, infelizmente, mas também por sorte, pela condição em que é obrigado a operar, no deserto da solidão ou, ainda por outro ângulo, no oásis da sua solidão, livre dos vínculos habituais. Mas o poeta não é e nem nunca foi aquela figura alheia à

realidade mundana, aquele ser extravagante, um pouco infeliz e com a cabeça nas nuvens, como foi por muito tempo pintado; inclusive pela escola que, em primeiro lugar, deveria saber extrair o homem, e sua obra, do personagem. Eu acredito na figura do poeta como testemunha, como partigiano-sentinela em defesa de um núcleo, de um ninho da verdade em uma realidade sempre mais cínica e virtual. Vejam, eu acredito que a realidade quase desapareceu em boa parte da poesia da segunda metade do século XX (ainda que houvesse exceções altíssimas e iluminadas). Cega pela fúria das vanguardas, espremida sob um estrato de palavras insípidas ou, para citar perguntas da entrevista, “desgastadas ou obsoletas”. Perdida no prurido do próprio umbigo, cerrado nas camadas adiposas de um tolo “bem-estar”, de uma indiferença mascarada pela busca. O poeta é um homem, em primeiro lugar, um homem que vive as contradições, as alegrias ou as violências cometidas no mundo; mas não pode ser opositor deste: “Mundo sejas, e bom / existas boamente” (“Mondo sii, e buono / existi buonamente”), escreveu Zanzotto: quanto amor e quanta trepidação há, neste dístico, para o mundo, diga-se realidade. É possível tentar defendê-lo, no mais astuto e corajoso dos atos, como Ulisses contra Polifemo, ou na mais desconjuntada das utopias, como Dom Quixote. É possível ter a audácia de descer no inferno, como Dante. É possível sucumbir às perseguições da história, como Levi, Lorca, Mandel’štam, Celan... Ou ainda, é possível simplesmente espalhar uma semente em um terreno árido e esperar uma chuva não anunciada



pela meteorologia. Estas são ações, reações, que a literatura, a verdadeira, sempre fez suas. Gesto de amor, não ato subversivo.

Vozes: O elemento essencial para um poeta é a palavra, a matéria-prima a ser buscada, trabalhada e depois “fixada”

na página em branco. Quais relações possui com a palavra?



FF: Acredito que a poesia seja uma declaração de amor que a palavra faz à música. Sempre procurei, no meu corpo a corpo, já de vinte anos com a palavra, buscar sempre uma nota nova para acrescentar à partitura da realidade. Creio na força avassaladora da palavra, assim como creio na, igualmente salvífica e consoladora, força do gesto: seja uma carícia feita em quem se ama ou um abraço dado em quem sofre. Mas, sobretudo, creio na palavra que nasce do gesto, no gesto que se

impregna. A palavra escrita, que é obra da mão, deve necessariamente ser somente o ato final de um percurso humano, em seu sentido mais ontológico e menos intelectual.

Vozes: Quais poetas ou escritores (italianos ou estrangeiros) operam na sua escritura? E em que modo se constroem estas relações de leitura, escritura e poéticas?



FF: Sempre citei Seamus Heaney como meu pai eleito, como farol de minha escritura. Por sua obra de escavação da memória popular, por sua epopeia marginal e, não por último, por seu verso, perfeito e “natural”. Falo de escavação não por acaso, visto que seu poema mais conhecido se intitula, justamente, Escavar, talvez por ir a fundo nas verdades da terra, até que se faça reemergir da turfa as múmias de seus

antepassados. Quando eu era um menino preso dentro de uma fábrica do nordeste italiano, nos anos da fúria produtiva e nos tempos do “milagre” econômico dos anos 70 e 80 – servo da coerção de gestos repetidos até a obsessão, durante 10 horas diárias, no epicentro daquela depreciação da ética do trabalho que prossegue até hoje nos contratos precários –, eu procurava um sentido mais “humano” para minhas mãos, para minha própria existência. A palavra de Heaney foi meu salvo-conduto para não sucumbir, para não me deixar sepultar junto aos campos. Além dele, há os correligionários e monumentais Zanzotto e Rigoni Stern, tão dessemelhantes entre si no cantar o homem dentro da paisagem, e, ainda assim, tão humanamente vizinhos. Em seguida, no que concerne ao dialeto: a obra de Biagio Marin, Franco Loi e Raffaello Baldini, ao meu ver, entre os maiores poetas italianos do século XX. Não por último, o conterrâneo Romano Pasutto, que viveu a poucos quilômetros de distância das minhas paragens. Em todos procurei, com humildade e paixão, aprender algo, fazê-los companheiros de viagem para minha vida, seja por meio das palavras, seja por meio das pessoas, das plantas e dos animais.